

# ADO(L)ESCÊNCIA: DE QUE PADECE ESSE CORPO?

(Nilton Cerqueira)

*“O que institui a entrada na psicanálise provém da dificuldade do ser-para-o-sexo” (Jaques Lacan)*

O que há de doente nesse corpo adolescente que parece esbanjar saúde? Meninos e meninas sofrem um choque: o metabolismo acelera, os ossos estiram, os músculos se tonificam, a adiposidade se distribui, fâneros brotam, os brotos mamários crescem, a emissão vocal se fortalece, os órgãos pudendos, pênis e vagina, se umedecem de esquisitas secreções; o ritmo corporal é agitado, a percepção da sua metamorfose inquieta, um interesse diferente nos outros corpos marca uma diferença no próprio corpo, que experimenta afetos intensos e não sabidos.

Esse viço não vem só: um rebuliço desacomoda o corpo, que como desperto de um sonho, se põe a pensar, aturdido, se revirando como pode, entre palavras incertas e certezas antecipadas. Esse acontecimento de corpo iça uma imagem de si que pode não ser vistosa o bastante, ou segura o suficiente, ou conectada como devia, ou outras maneiras sentidas como não inteiramente satisfatórias.

Se assim for, pode acontecer desse corpo desperto não saber ao certo o que fazer aí, e se fazer acompanhar de um sinal de angústia, um ‘nó no peito’, que identifique esse acontecimento de corpo como um mau encontro, tal qual a canção de Gil: “sabe, gente/é tanta coisa pra gente saber/o que cantar, como andar, onde ir/o que dizer, o que calar, a quem querer/sabe, gente/ é tanta coisa, que eu fico sem jeito/sou eu sozinho e esse nó no peito”.

Freud traçou as vias que nos permitem explorar o campo de uma biologia psicanalítica: o corpo da espécie humana usa as palavras que estão à sua disposição. As palavras pululam neste corpo. O seu uso sexuado é ligado a estas palavras como a larvas parasitárias. A sexualidade é o campo fecundo desta matéria viva d’alíngua, e a ‘tempestade da puberdade’, como escreveu Freud, um momento eletivo dessa precipitação d’alíngua que tromba no corpo.

A psicanálise perturbou a puberdade tomada como rito previsível de passagem, emprestando a este momento o peso pulsional das suas consequências éticas!

Nessa mudança, os corpos falantes são afetados por uma traumática causalidade, e a repercussão das experiências de satisfação infantis desordena os laços sociais mais rotineiros deste corpo mutante: uma estranha temporalidade é o agente transmissor dessa enfermidade. A debilidade do mental para lidar com a tempestade puberal acontece no corpo.

Há aí um esforço para dar um suporte de imagem corporal ao que se reitera da experiência *trou*-mática como onda viva. O sintoma e a fantasia são recursos decisivos para incluir de um modo satisfatório esse furo que afeta o corpo. No atravessamento deste portal, o esforço em ato desse corpo falante é sustentar uma imagem de si, ou seja, a ideia de uma permanência e pertinência de si mesmo. A presença viva desse sentimento de si não acontece como corpo sem um remendo à instabilidade abissal que esse furo faz.

O sintoma e a fantasia cumprem uma função simbólica: o que dá corpo ao inconsciente traumático é feito de palavras. A essa mescla singular Lacan chamou *sinthome*, cuja forja infantil tem sua prova de uso no corpo púbere. O que se efetua na infância é remanejado, não sem angústia, na contingência de uma decisão impen-sável.

Nesta prova, cada um experimenta um ‘ajustamento precário’\* no uso do corpo *sinthomático* que tem. Não recuar diante da tempestade da puberdade atual exige que nós não recuemos na busca de um ideal de puberdade

de ‘céu claro’. A cópula dos objetos da ciência com o valor do capital gera efeitos no corpo falante. O que não tem remédio, remendado está!

Assim é que o viço sexual é vivido pelos nossos adolescentes numa zona que ainda transita pela sedução, sensualidade, erotismo, e por formas mais contraídas do drama amoroso. A precocidade das relações sexuais se dissemina, enquanto o vício veloz dos *gadgets* determina o imediatismo dos encontros, sem a mediação das muitas palavras que costumavam dar a liga aos corpos sexuados.

A experiência da sexualidade entre adolescentes dão o tom da sexualidade contemporânea, num “alinhamento da ordem erótica à ordem econômica”, como destaca Lipovetsky. O vetor atual do gozo dos corpos, ou contorna, forcluindo, a dimensão sexual do seu uso, ou acelera seu movimento, empuxando-ao-gozo de um objeto sexual escolhido a dedo (*Tinder!*). *Fast-sex: plug and play!*

Há um limite: a ausência de garantia de uso contra efeitos inesperados. Algo escapa ao cálculo de gozo antecipado. A contingência corporal experimentada nos encontros, e o modo de servir-se dela, ronda o insondável da vida. Não há programa que decida quando um encontro se reveste de um tédio incomum, ou acende um amor consentido. Um desejo pode ser colericamente recusado, ou um gozo sentido como excesso pode angustiar. Variações afetivas em torno do sexo, umas mais, outras menos suportáveis, seguem a tempestade da puberdade nesses tempos que correm.

Quando uma desordem imprevista afeta assim um corpo falante, a fenda incurável a que se referia Freud pode dar sinal de vida, e o novo tem a chance de se inscrever como acontecimento de corpo. A experiência analítica pode ser na vida do adolescente, uma novidade!

Como então intervir neste corpo-*working in progress*, momento em que os restos infantis repercutem no corpo, forçando o traçado de uma realidade, exigindo escolhas e posições na vida? Como operar a transferência como um ‘novo amor’, rumo a um amor sintomaticamente mais digno?

O espaço desta apresentação, compactado como a atualidade exige, nos permite apenas apontar uma fresta.

Miller (numa conversa em Barcelona sobre ‘a parceria e o amor’) nos fala que “a ausência de referência normativa faz surgir outros índices”. Se a sexualidade faz furo no real dos corpos, nossa escuta dos adolescentes atuais deve acolher nas narrativas enviesadas, os pedaços inéditos e insólitos que escapam ao dizer. Devemos estar atentos “ao detalhe, à coisa rara, à coisa fantasmática, ao sentido gozado de algumas expressões”. A presença viva do analista-corpo deve fazer ressoar esses ‘outros índices’ referidos e indicativos de uma abertura singular, radicalmente diferente do sentido da norma, ou das matrizes precárias que impelem os corpos a usos contumazes.

Frente à errância dos corpos que ado(1)escem, indo do mal-entendido ao pior, o psicanalista se apoia no que crê: a força da palavra incidindo como acontecimento de corpo! Os usos convenientes dessa crença pode incitar um corpo falante a entrançar-se à vida, isso que, no tempo, resta insondável: gozar melhor da vida é um bom limite, para cada uma das análises que conduzimos, e para uma civilização que acolha os ecos da singularidade que a nossa prática desperta.